

OCUPAÇÃO NA AGRICULTURA BAIANA TEM QUEDA DE 1,2% ENTRE 1999/2000

As estimativas da Pesquisa MOA, para o ano de 2000, apresentaram um **crescimento de 3,8% na área plantada e uma redução na ocupação da mão-de-obra de 1,2%.**¹ Essas taxas corroboram o aumento observado na produtividade do setor agrícola, culminando num crescimento da produção agrícola total e do PIB agropecuário.²

Os principais fatores responsáveis por esses resultados são: os bons índices pluviométricos observados em grande parte do ano, que contribuíram para acentuar a produção e os rendimentos físicos de muitos produtos cultivados; e a estiagem que iniciou em fins do ano 2000 e castiga grande parte do território baiano, especialmente o semi-árido. Nestes meses, efetua-se o plantio de várias culturas tais como o milho e o feijão,³ porém, com a seca houve um desestímulo ao cultivo e grandes áreas não foram plantadas.

Além desses fatores, devem ser destacados outros de origem estrutural e conjuntural que, agrupados, impactaram negativamente sobre o total da ocupação da mão-de-obra.

Fatores estruturais

O aumento de 6,1 pontos percentuais no total da área plantada cujo nível tecnológico é considerado alto e a redução do total cultivado com nível tecnológico médio, contribuíram para a redução na ocupação total da mão-de-obra. Geralmente, a utilização do nível tecnológico alto ocupa menos mão-de-obra se comparado com os demais (médio e baixo). Em 1999, a área plantada ponderada no nível tecnológico alto representava 30,5% da área total; já em 2000, esse percentual aumentou para 36,6%. Para a área plantada com os níveis tecnológicos médio e baixo, a composição foi respectivamente 25,2% e 38,2% do total plantado em 2000, contra 31,2% e 38,4% em 1999.

As doenças conhecidas como mosca branca e bicudo também fizeram parte do cenário e contribuíram para reduzir o plantio do feijão e do algodão, respectivamente, em algumas regiões. Paralelamente, a vassoura de bruxa ainda persiste como uma das principais causas

de baixa produção de cacau, porém a clonagem dos cacaueiros tem avançado no sentido de combatê-la.

A ausência de financiamentos para algumas culturas inviabilizou o plantio em várias regiões. Através de um zoneamento agrícola bastante rígido feito pelo governo federal, o crédito rural não pôde ser liberado para o plantio de diversos produtos e conseqüentemente a produção e o emprego foram prejudicados.

Fatores conjunturais

As razões conjunturais que nortearam a dinâmica da ocupação no Estado podem ser melhor observadas a partir de uma análise desagregada, ou seja, verificadas pontualmente entre os produtos que mais contribuíram para o resultado geral. Os produtos tradicionais que mantêm maiores níveis de ocupação são, em ordem decrescente: feijão, mandioca, cacau, milho, café, sisal e cana-de-açúcar.

O feijão manteve sua posição de produto que ocupa maiores quantidades de força de trabalho, relativamente à ocupação total do Estado. Sua proporção permaneceu por volta dos 25% (conforme Tabela 2) ou seja, de toda mão-de-obra agrícola ocupada no Estado, 25% está relacionada à cultura do feijão. Contudo, a redução dos preços pagos aos produtores e os reflexos da estiagem já observados ao final de 2000 influenciaram na retração de 9,7% da área plantada e 0,9% na ocupação, em relação a 1999. A retração da área plantada contribuiu pouco para a queda da ocupação da mão-de-obra, uma vez que esta se deu no nível tecnológico alto (menor demanda por força de trabalho); em 1999 o feijão obtinha 8,9% do total plantado no nível tecnológico alto, já em 2000 essa área caiu para 1,8%. No nível tecnológico médio ocorreu um crescimento da área plantada, passando de 38,5% do total plantado em 1999 para 48,5% em 2000. Nessa cultura, a produção com nível tecnológico médio é a que mais demanda por hectare, desta forma houve uma minimização dos impactos da queda na área plantada sobre o nível de ocupação da mão-de-obra.

A mandioca e o cacau apresentaram uma participação em relação ao total da ocupação do Estado de 14,8% e 14,1% respectivamente, mas somente a mandioca obteve taxa de crescimento significativa (11,8%). O cacau, contrariamente à mandioca, reduziu o nível de ocupação em relação a 1999 em 6,9% (conforme Gráfico 1), o que pode ser justificado em parte pelas crises que essa cultura vem enfrentando nos últimos anos e pela substituição de alguns cacaueiros pelo plantio de café da variedade *conillon* adaptado ao tipo de clima da região.

Dentre as culturas que mais demandam força de trabalho estão o café, o sisal e a cana-de-açúcar. Os primeiros verificaram taxas de crescimento na ocupação crescentes, de 22,3% para o café e 1,4% para o sisal. No caso do café, a política institucional de promoção do produto nos cerrados, os novos plantios como alternativa à crise do cacau e a expansão da lavoura no extremo sul, foram os principais responsáveis tanto na ampliação da área plantada (0,9%) quanto pela maior ocupação de mão-de-obra. O pequeno crescimento na ocupação referente à cultura do sisal advém de pequenos aumentos na área destinada ao plantio (1,2%), influenciados por empreendimentos industriais e pela confecção de artesanato. A cana-de-açúcar vem sofrendo um processo de adequação à produção e conseqüentemente aos preços internacionais e desta forma a área plantada foi reduzida em 12,4%, enquanto que a ocupação caiu 28,8%.

Em 2000, o milho foi um dos produtos de maior destaque e os bons preços praticados no mercado contribuíram para que sua área plantada fosse ampliada em praticamente 5%. Essa área poderia ser maior, não fossem os reflexos da estiagem no final de 2000, que comprometeu o plantio de final de ano no semi-árido. Entretanto, em oposição à expansão da área plantada, o nível de ocupação da mão-de-obra decresceu 0,8%. Isto pode ser justificado pelo plantio ter sido executado majoritariamente em áreas cujo nível tecnológico empregado é bastante alto (conforme Tabela 02) e, conseqüentemente, menores contingentes de mão-de-obra são utilizados. As reduzidas áreas de plantio no semi-árido contribuíram para este movimento, uma vez que nesta região os tratos culturais são executados com baixos

¹ Resultados de 2000 em relação aos de 1999.

² Segundo ISPA/IBGE e projeções do PIB baiano feitas pela SEL.

³ Estes produtos são respectivamente em ordem decrescente, o primeiro e o quarto produto que mais ocupam mão-de-obra.

níveis tecnológicos e, sendo assim, maiores quantidades de mão-de-obra são utilizadas e os impactos da redução na área plantada são maiores sobre a ocupação.

quase duplicou (82%) e o plantio, principalmente de feijão e tomate industrial, promoveu estas taxas bastante altas. A viabilidade deste crescimento foi

para esta região) e desta forma a ocupação foi incrementada em 25,2% nesta região.

A região de Seabra obteve um desempenho bastante significativo quanto à ocupação da mão-de-obra e principalmente através da ampliação nas áreas destinadas ao plantio de alho, café e feijão, verificou-se uma taxa de crescimento de 11,4% no total das ocupações em consequência de 14,4% a mais de área plantada. O apoio institucional na ampliação do cultivo do café e a disseminação de técnicas avançadas de produção do alho têm promovido estas culturas na região, enquanto que seus impactos nos diversos setores já são observados. O maior cultivo do feijão nesta região deve-se ao fato de que as chuvas são bem distribuídas durante o ano e, desta forma, os resultados quanto à produtividade são bons, influenciando vários produtores a aumentarem o seu plantio.

O crescimento de 22,4% observado nos níveis de ocupação em Serrinha é decorrente, em grande parte, do crescimento da área plantada (5,9%) e também do plantio em níveis tecnológicos cuja demanda por mão-de-obra é maior. Um bom exemplo é o milho onde 90% da produção era executada com baixo nível tecnológico e 10% no nível médio (1999) enquanto que em 2000 somente 60% foi produzido no nível baixo e 40% no nível médio (o nível baixo e alto demandam menos mão-de-obra). Quanto à área plantada, os principais produtos que contribuíram para o aumento da ocupação são a mandioca e o sisal.

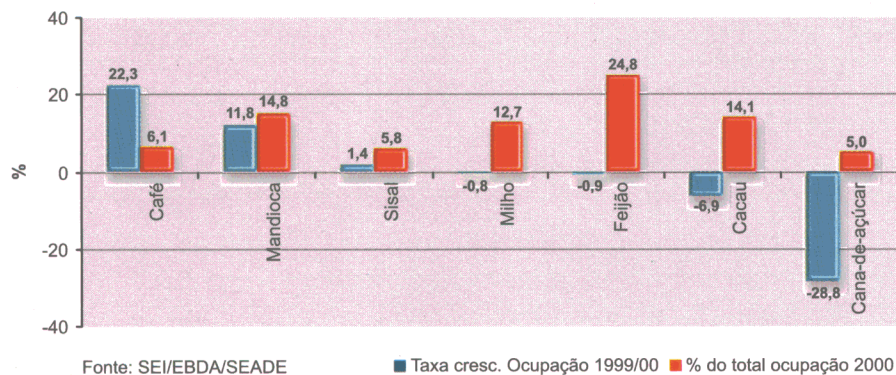
Dentre as regiões que obtiveram queda nos níveis de ocupação da mão-de-obra, Caetitê, Feira de Santana e Teixeira de Freitas se destacaram. Na região de Caetitê, os principais fatores que contribuíram para a redução de 24,1% na ocupação foram: a queda de 8,9% na área plantada do algodão, causada pela redução dos preços; o aumento dos custos de produção e da praga "bicudo" que causa grandes danos à produção; a redução de 31,5% na área plantada de feijão, também em virtude da redução dos preços; e a queda no nível tecnológico da produção de mandioca (concentrando maior parte da produção no nível tecnológico médio que demanda menores quantidades de mão-de-obra), associado a retração de 14,5% na sua área plantada, que foi atribuída à substituição por outras culturas mais rentáveis.

A taxa de crescimento negativa de 22,3% na região de Feira de Santana deve-se principalmente ao aumento do nível tecnológico (de médio para alto) no cultivo de cana-de-açúcar, cujos coeficientes de demanda por força de trabalho são bastante inferiores; outro fator importante foi a queda no nível tecnológico utilizado nos tratamentos culturais do milho (de médio para baixo), ocorrendo uma menor ocupação total.

O decréscimo de 21,5% na ocupação total em Teixeira de Freitas deve-se a vários fatores: redução de 46,1% na área plantada de abacaxi, em decorrência da queda nos preços; retração de 39,1% na área destinada ao plantio de cana-de-açúcar; queda de 26,7% na área do coco-anão; redução de 12,4% na área do mamão, em virtude das viroses que acometeram a plantação; e retração de 28,9% na área de mandioca, causada pelos baixos preços.

Gráfico 1

Participação no total da ocupação em 2000 e taxa de crescimento da ocupação entre 1999/2000 para alguns produtos agrícolas - Bahia



Sazonalidade e ocupação por região

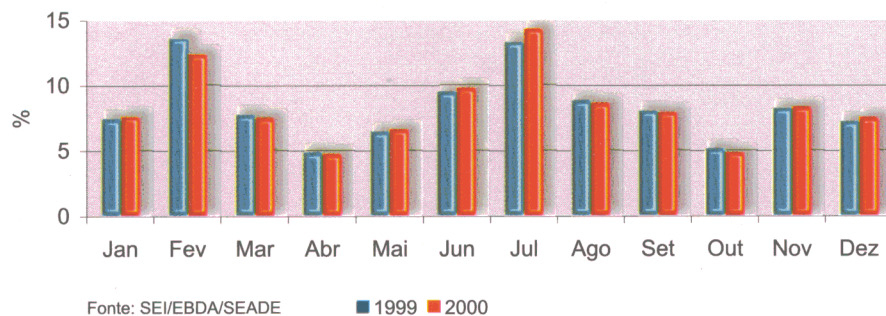
A sazonalidade da ocupação da mão-de-obra no Estado (Gráfico 2), para o ano 2000, comparativamente ao ano de 1999, foi semelhante; embora o coeficiente de variação sazonal tenha aumentado de 32,9% para 33,3%, a maior concentração do emprego em alguns meses do ano não foi alterada substancialmente. A redução da importância de alguns produtos como o cacau, a cana-de-açúcar, o feijão e algumas frutas e leguminosas (p. ex. abacaxi, laranja e tomate de mesa), estas em virtude da queda nos preços, e a expansão de outras como a soja e o eucalipto influenciaram a maior concentração da mão-de-obra no calendário agrícola do Estado.

proporcionada pelas chuvas no mês de julho, pelos financiamentos junto ao Banco do Brasil para o feijão e milho, bem como através do convênio com a prefeitura de Coronel João Sá, onde foram disponibilizados um técnico agrícola e a abertura de posto avançado da EBDA para orientação dos agricultores e execução de planos de safra na região de Jeremoabo e Pedro Alexandre.

Na região de Irecê, a área plantada de feijão foi reduzida (4,4%) em razão dos preços estarem bastante baixos e da estiagem, que também determinou a retração na área destinada ao plantio do milho (6,6%), embora seus preços estivessem em bons níveis. Para compensar o declínio na produção e aproveitar financiamentos disponibilizados no mercado financeiro, muitos produtores resolveram

Gráfico 2

Variação sazonal da ocupação da mão-de-obra agrícola Bahia 1999/2000



Analisando as regiões da EBDA separadamente, verifica-se um melhor desempenho quanto à ocupação nas regiões de Paulo Afonso, Irecê, Seabra e Serrinha enquanto que os piores resultados foram detectados em Caetitê, Feira de Santana e Teixeira de Freitas.

A região de Paulo Afonso obteve a maior taxa de crescimento da ocupação (76,6%) observada entre as demais regiões. Contudo, é a menor de todas as regiões e sua participação no total da ocupação do Estado é somente 0,3%. Apesar de sua pouca representatividade, a área plantada

plantar mamona em áreas remanescentes do feijão, milho, mandioca e outras, pois sua resistência a baixos níveis pluviométricos é bastante alta. A área plantada de mamona cresceu 120% e isto contribuiu para aumentar o nível de ocupação da região que, apesar da retração na área do feijão e milho, acabou crescendo nestes produtos entre 1999 e 2000. O plantio do milho e feijão acabou sendo efetuado por produtores que utilizam nível tecnológico médio (demanda mais mão-de-obra que o baixo e não há produção com nível alto

Tabela 1

Área plantada, ocupação anual da mão-de-obra agrícola em equivalentes-homens-ano (EHA) e taxa de crescimento, segundo as regiões da EBDA.

Bahia 1999/2000

Regiões	Área Plantada (ha)			Ocupação (EHA)		
	1999	2000	%	1999	2000	%
Alagoinhas	146.851	139.653	-4,90	32.671,72	29.143,15	-10,80
Barreiras	826.141	984.451	19,16	45.990,79	40.657,49	-11,60
Bom Jesus da Lapa	76.156	77.665	1,98	20.858,33	21.366,87	2,44
Caetité	164.566	130.139	-20,92	52.833,49	40.107,25	-24,09
Cruz das Almas	116.415	101.131	-13,13	38.382,33	34.018,19	-11,37
Feira de Santana	81.608	104.088	27,55	34.713,46	26.980,66	-22,28
Irecê	393.480	437.845	11,28	108.312,69	135.630,90	25,22
Itaberaba	29.130	28.754	-1,29	15.110,14	14.198,62	-6,03
Itabuna	409.356	387.534	-5,33	116.169,62	101.897,96	-12,29
Jacobina	163.233	166.959	2,28	54.864,91	55.867,22	1,83
Jequié	63.431	61.618	-2,86	30.591,78	30.815,89	0,73
Juazeiro	28.278	32.732	15,75	11.966,35	12.379,86	3,46
Paulo Afonso	6.630	12.040	81,60	1.778,40	3.141,60	76,65
Ribeira do Pombal	259.127	273.970	5,73	66.658,85	69.620,97	4,44
Santa Maria da Vitória	107.980	81.171	-24,83	24.141,89	21.820,41	-9,62
Seabra	42.641	48.777	14,39	18.315,84	20.403,72	11,40
Senhor do Bonfim	166.136	168.838	1,63	47.721,98	49.935,40	4,64
Serrinha	275.300	291.571	5,91	61.191,04	74.889,67	22,39
Teixeira de Freitas	384.070	357.600	-6,89	86.438,12	67.841,22	-21,51
Vitória da Conquista	149.286	152.761	2,33	52.973,88	59.716,53	12,73
TOTAL	3.889.813	4.039.297	3,84	921.685,61	910.433,58	-1,22

Fonte: SEI/EBDA/SEADE

METODOLOGIA

A pesquisa MOA reúne esforços de três instituições: a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), responsável pela concepção, coordenação e execução da pesquisa, a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S.A. (EBDA), responsável pela coleta e fornecimento dos dados, e a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), órgão vinculado à Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo, detentora da metodologia. A metodologia utilizada nas estimativas da ocupação da mão-de-obra agrícola consiste na definição, para cada cultura, em cada uma das regiões produtoras (regiões da EBDA), dos itens apresentados a seguir:

- Demanda de mão-de-obra, em homens-dia por hectare, segundo seis grupos de operações de cultivo (preparo do solo, plantio, capinas, outros tratos culturais, colheita e pós-colheita), para três níveis tecnológicos de produção (baixo, médio e alto).
- Estimativa da área plantada no ano considerado, ponderada segundo os níveis tecnológicos de produção.
- Distribuição das operações de cultivo, agrupadas segundo os seis grupos citados, durante o calendário agrícola anual.

A multiplicação dos itens acima fornece uma aproximação da ocupação da mão-de-obra por cultura, para o total do Estado e cada uma das regiões produtoras, segundo o nível tecnológico de produção e os meses do ano. A ocupação da mão-de-obra agrícola é medida em Equivalentes-Homem-Ano (EHA), e cada EHA corresponde a um homem adulto que trabalha 8 horas diárias, durante todo o processo produtivo anual.

Esses dados ajudam, dentre outras coisas, a conhecer o comportamento da ocupação da mão-de-obra agrícola em relação ao nível tecnológico de produção, ao ciclo produtivo, à conjuntura econômica e política do setor (créditos, preços, estoques etc.) e à natureza (clima).

Pode-se destacar como grande vantagem dessa metodologia a possibilidade de se calcular uma estimativa da variação relativa da ocupação por produto e região produtora, ampliando em muito as informações normalmente fornecidas pelo IBGE.

O sistema de regionalização da EBDA foi alterado em 1999, passando a contar com 20 regiões, uma a mais do que as utilizadas para a estimativa de 1998. Isso se deveu ao desmembramento da região de Ribeira do Pombal, que deu origem à região de Paulo Afonso

Governo do Estado da Bahia
César Borges

Secretaria do Planejamento,
Ciência e Tecnologia
Luiz Carreira

Superintendência de Estudos
Econômicos e Sociais da Bahia
Cesar Vaz de Carvalho Junior

Gerência de Análise Conjuntural
Luiz Mário Ribeiro Vieira

Coordenação
Vitor de Athayde Couto Filho

Pesquisa e Texto
Arno Paulo Schmitz
Patrícia da Silva Cerqueira
Joseanie Mendonça
(estagiária)

Fonte de Dados Primária
Empresa Baiana de
Desenvolvimento Agrícola
(EBDA)

Metodologia
Fundação Sistema Estadual de
Análise de Dados (SEADE-SP)

Normalização
Gerência de Documentação e
Biblioteca

SEI - Superintendência de
Estudos Econômicos e Sociais da
Bahia
Av. Luiz Viana Filho, 4a Avenida,
435

CEP 41.750-300 Salvador -
Bahia
Fone: (071) 370.4704 Fax: (071)
371.1853

Home page:
<http://www.sei.ba.gov.br>

e-mail:
sei.int@bahia.ba.gov.br

SEADE

EBDA

SEI
SUPERINTENDÊNCIA
DE ESTUDOS ECONÔMICOS
E SOCIAIS DA BAHIA

GOVERNO DA BAHIA
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Tabela 2

Área plantada por nível tecnológico, ocupação anual da mão-de-obra agrícola em Equivalentes-Homens-Ano (EHA) e ocupação por hectare (EHA/ha), segundo as culturas pesquisadas

Bahia 1999 - 2000

Culturas	Área plantada				Área por nível tecnológico (%)						Ocupação de mão-deobra agrícola			
	1999		2000		Alto		Medio		Baixo		1999		2000	
	ha	%	ha	%	1999	2000	1999	2000	1999	2000	EHA	%	EHA	%
Abacaxi	6,925	0,18	4,543	0,11	4,9	11,6	41,2	33,5	53,9	55,0	27,360,75	2,97	17,972,39	1,97
Allace	321	0,01	356	0,01	2,8	6,0	34,7	30,0	62,5	64,0	410,65	0,04	456,14	0,05
Algodão	49,254	1,27	59,337	1,48	73,5	82,8	13,5	7,0	13,0	10,1	8,920,04	0,98	8,920,04	0,98
Alho	680	0,02	927	0,02	19,1	34,3	41,1	36,9	41,1	28,9	1,275,30	0,14	1,747,47	0,19
Arroz	54,947	1,41	36,745	0,91	60,2	40,8	27,2	46,9	12,5	12,3	15,690,16	1,70	14,463,25	1,59
Banana Total	34,239	0,88	38,593	0,96	12,7	11,5	39,7	26,6	47,5	61,9	5,629,22	0,61	5,574,85	0,61
Banana Implantação	3,572	0,09	2,931	0,07	13,4	16,1	43,3	24,2	43,3	59,7	2,006,68	0,22	1,333,51	0,15
Banana Produção	30,727	0,79	35,662	0,88	12,7	11,1	39,3	26,8	48,0	62,1	3,622,54	0,39	4,241,34	0,47
Cacau Total	492,305	12,66	487,615	12,07	14,1	8,2	35,2	24,3	50,7	67,4	138,068,42	14,98	128,581,88	14,12
Cacau Implantação	100	0,00	215	0,01	20,0	0,0	60,0	17,7	20,0	82,3	75,69	0,01	162,73	0,02
Cacau Formação	31,500	0,81	23,261	0,58	14,9	9,5	35,2	19,5	49,9	71,1	6,748,95	0,73	4,492,28	0,49
Café Produção	460,705	11,84	464,139	11,49	14,0	8,2	35,2	24,6	50,8	67,3	131,243,78	14,24	123,926,87	13,61
Café Total	127,786	3,29	128,895	3,19	40,8	55,2	35,4	30,1	23,8	14,7	45,100,17	4,89	55,153,51	6,06
Café Implantação	8,670	0,22	6,523	0,16	41,4	69,0	38,0	24,3	20,6	6,6	3,986,29	0,43	3,189,66	0,35
Café Formação	22,017	0,57	17,484	0,43	54,4	59,0	30,5	34,0	15,1	7,0	1,809,21	0,20	1,534,02	0,17
Café Produção	97,099	2,50	104,888	2,60	37,7	53,7	36,3	29,8	26,0	16,5	39,304,67	4,26	50,429,83	5,54
Café de Açúcar Total	84,416	2,17	73,923	1,83	39,9	62,8	36,0	11,9	24,1	25,2	64,450,02	6,99	45,862,26	5,04
Cana-de-Açúcar Implantação	6,122	0,16	2,806	0,06	57,8	62,2	22,8	14,4	19,5	23,4	7,058,31	0,77	3,004,56	0,33
Cana-de-Açúcar Produção	78,294	2,01	71,317	1,77	38,5	62,9	37,1	11,8	24,5	25,3	57,391,71	6,23	42,857,70	4,71
Coco Anão Total	39,072	1,00	39,177	0,97	27,0	25,1	35,0	36,8	38,0	38,0	3,357,48	0,36	2,916,04	0,32
Coco Anão Implantação	9,675	0,25	3,527	0,09	31,9	41,6	41,6	31,9	31,6	35,0	1,409,83	0,15	511,19	0,06
Coco Anão Formação	9,964	0,26	8,199	0,20	27,6	25,5	38,5	49,5	33,9	24,9	598,74	0,06	496,22	0,05
Coco Anão Produção	19,433	0,50	27,451	0,68	22,0	25,3	34,6	32,4	43,4	42,3	1,348,91	0,15	1,908,63	0,21
Coqueiro	179	0,00	200	0,00	3,9	4,6	31,4	26,4	64,7	69,0	215,93	0,02	241,26	0,03
Eucalipto Total	314,482	8,08	338,296	8,38	100,0	92,5	0,0	3,8	0,0	3,7	23,774,65	2,58	28,335,21	3,11
Eucalipto Implantação	38,624	0,99	53,454	1,32	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	1,473,10	0,16	2,038,89	0,22
Eucalipto Formação	93,319	2,40	68,775	1,70	99,9	83,9	0,0	8,1	0,0	8,0	902,97	0,10	676,23	0,07
Eucalipto Produção	182,539	4,69	216,367	5,36	100,0	93,3	0,0	3,4	0,0	3,2	21,398,58	2,32	25,620,09	2,81
Felício Total	774,193	19,90	699,236	17,31	8,9	1,8	38,5	48,4	52,6	49,9	227,995,91	24,74	225,889,15	24,81
Felício 1a. Safra	438,264	11,27	408,890	10,12	6,5	1,9	39,4	55,2	54,2	42,9	131,302,12	14,25	138,418,08	15,20
Felício 2a. Safra	335,929	8,64	290,346	7,19	12,1	1,6	37,3	38,7	50,5	59,7	96,693,79	10,49	87,471,07	9,61
Laranja Total	50,532	1,30	48,291	1,20	6,7	11,9	51,3	50,8	42,0	37,3	14,083,88	1,53	14,273,30	1,57
Laranja Implantação	642	0,01	521	0,01	12,7	9,0	49,5	41,2	37,9	49,8	94,24	0,01	82,87	0,01
Laranja Formação	3,620	0,09	2,247	0,06	13,4	18,5	39,9	42,9	46,7	38,6	360,14	0,04	242,36	0,03
Laranja Produção	46,270	1,19	45,523	1,13	6,1	11,6	52,2	51,3	41,7	37,1	13,629,50	1,46	13,948,07	1,53
Mamão Total	20,536	0,53	18,551	0,46	26,2	71,8	64,5	18,9	9,4	9,3	6,806,08	0,74	3,306,14	0,36
Mamão Implantação	2,651	0,07	8,181	0,20	20,1	69,1	69,6	21,0	10,3	9,9	578,71	0,06	1,418,08	0,16
Mamão Produção	17,885	0,46	10,370	0,26	27,1	74,0	63,7	17,2	9,2	8,8	6,227,37	0,68	1,888,06	0,21
Mamona	111,804	2,87	174,871	4,33	0,9	0,0	46,2	45,3	52,8	54,7	10,525,24	1,14	16,798,23	1,85
Mandoca	267,604	6,88	290,100	7,18	1,0	0,5	28,9	19,5	70,1	80,0	120,730,69	13,10	134,923,23	14,82
Manga Total	11,133	0,29	13,461	0,33	56,3	41,9	31,4	43,6	12,3	14,5	2,033,60	0,22	2,397,15	0,26
Manga Implantação	842	0,02	342	0,01	36,5	52,6	63,5	40,6	0,0	6,8	197,31	0,02	86,55	0,01
Manga Formação	4,760	0,12	3,567	0,09	69,5	44,1	22,4	41,1	8,2	14,9	852,46	0,09	617,42	0,07
Manga Produção	5,531	0,14	9,552	0,24	48,0	40,7	34,2	44,6	17,7	14,7	983,83	0,11	1,693,18	0,19
Maracujá Total	7,597	0,20	7,946	0,20	17,7	12,2	47,1	56,5	35,2	31,3	1,527,12	0,17	2,422,00	0,27
Maracujá Implantação	1,367	0,04	2,219	0,05	2,6	12,5	45,2	53,0	52,2	34,5	641,71	0,07	1,615,43	0,18
Maracujá Produção	6,230	0,16	5,727	0,14	21,0	12,1	47,5	57,9	31,5	30,1	885,41	0,10	806,57	0,09
Milho Total	658,453	16,93	691,173	17,11	17,2	26,2	36,1	35,4	46,7	38,4	116,902,65	12,88	115,990,57	12,74
Milho 1a. Safra	375,546	9,65	428,612	10,61	22,2	42,1	36,7	28,8	41,2	29,1	69,317,35	7,52	64,272,02	7,06
Milho 2a. Safra	282,907	7,27	262,561	6,50	10,5	0,3	35,4	46,2	54,0	53,5	47,585,30	5,16	51,708,55	5,68
Sisal Total	172,180	4,43	174,320	4,32	0,0	0,0	11,9	15,8	88,1	84,2	51,854,29	5,63	52,587,68	5,78
Sisal Implantação	1,100	0,03	230	0,01	0,0	0,0	30,0	35,0	70,0	65,0	479,35	0,05	98,33	0,01
Sisal Produção	171,080	4,40	174,090	4,31	0,0	0,0	11,8	15,8	88,2	84,2	51,374,94	5,57	52,489,35	5,77
Soja	604,000	15,53	706,631	17,49	70,9	100,0	29,1	0,0	0,0	0,0	4,716,95	0,51	5,518,45	0,61
Tomate Industrial Total	2,276	0,06	1,209	0,03	10,6	2,1	34,2	89,2	55,8	8,7	2,957,45	0,32	2,285,86	0,25
Tomate Industrial 1a. Safra	2,156	0,06	791	0,02	10,6	1,5	30,6	85,2	58,9	13,3	2,715,94	0,29	1,462,55	0,16
Tomate Industrial 2a. Safra	120	0,00	418	0,01	0,0	3,1	100,0	96,9	0,0	0,0	241,51	0,03	823,31	0,09
Tomate Mesa Total	4,841	0,12	4,301	0,11	19,7	10,1	51,9	75,0	28,5	14,9	26,805,90	2,91	23,827,52	2,62
Tomate de Mesa 1a. Safra	3,015	0,08	2,300	0,06	16,9	7,9	50,7	74,6	32,4	17,5	16,659,65	1,81	12,708,86	1,40
Tomate de Mesa 2a. Safra	1,826	0,05	2,001	0,05	24,2	12,6	53,8	75,4	22,0	12,0	10,146,25	1,10	11,118,66	1,22
TOTAL	3,889,813	100,00	4,039,297	100,00	30,5	36,6	31,2	25,2	38,4	38,2	921,685,61	100,00	910,433,58	100,00

Fonte: SEI/EBDA/SEADE